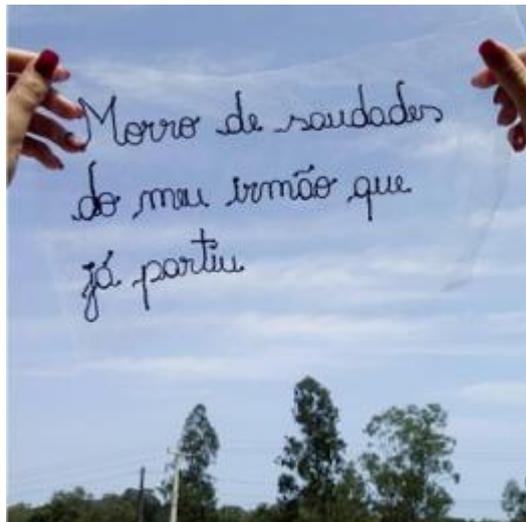


UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE DE MONTENEGRO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS: LICENCIATURA

JULIANA BERTÉ DA COSTA

TRANSBORDAR DESABAFOS: uma proposta artística a partir da
intimidade compartilhada



MONTENEGRO
2021

JULIANA BERTÉ DA COSTA

**TRANSBORDAR DESABAFOS: UMA PROPOSTA ARTÍSTICA A
PARTIR DA INTIMIDADE COMPARTILHADA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em artes Visuais pelo curso de Artes Visuais da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Mariana Silva da Silva

MONTENEGRO

2021

Catálogo de publicação na fonte (CIP)

C837t Costa, Juliana Berté da

Transbordar desabafo: uma proposta artística a partir da intimidade compartilhada/ Juliana Berté da Costa. - Montenegro, 2021.

49 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Licenciatura em Artes Visuais, Unidade em Montenegro, 2021.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mariana Silva da Silva

1. Desabafo. 2. Compartilhamento. 3. Intimidade. 4. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). I. Silva, Mariana Silva da. II. Curso de Licenciatura em Artes Visuais, Unidade em Montenegro, 2021. III. Título.

JULIANA BERTÉ DA COSTA

TRANSBORDAR DESABAFOS: UMA PROPOSTA ARTÍSTICA APARTIR DA INTIMIDADE COMPARTILHADA

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Artes Visuais ao Curso de Licenciatura, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a Dra Mariana Silva da Silva

Aprovada em //

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dra. Mariana Silva da Silva

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Prof^a. Dra. Juzelia de Moraes Silveira

Prof. Dr. Igor Moraes Simões

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a minha família, meu pai Darci, minha mãe Carminha por evoluírem junto comigo, pelo apoio que me deram até aqui. Aos meus tios Valter e Nara que presenciaram todo o decorrer acadêmico que passei na UERGS, a essas pessoas eu agradeço por cada palavra, carinho, e principalmente por terem paciência comigo, obrigada pelas corridas que fizemos ao longo dessa caminhada, risadas, choros e principalmente obrigada por sempre escutar os meus desabafos. Aqui está uma parte de cada um de vocês.

Agradeço à Prof^a. Dr^a. Mariana Silva da Silva, que foi paciente e me ajudou a transformar os meus sentimentos e pensamentos, naquele período conturbado, em um projeto de pesquisa em Artes Visuais. Obrigada por acreditar nas minhas propostas e ideias para que esse trabalho ficasse parecido comigo, leve, tranquilo e sincero, por me ajudar na escrita.

Quero agradecer também à Prof^a. Dr^a. Juzelia de Moraes Silveira por ter encarado de primeira esse projeto comigo, por ter me incentivado e me aconselhado e a perceber que a proposta artística desse trabalho está conectada comigo antes mesmo eu nem ter pensado nesse assunto.

Prof. Dr. Igor Moraes Simões, quero agradecer a você por ter me ensinado que a prestar mais atenção nos detalhes que estão na frente dos nossos olhos mas que muitas vezes não conseguimos enxergar, por ser crítico de forma a agregar valores em nossos conhecimentos e mostrar que todos damos o nosso melhor mesmo quando achamos que não temos capacidade.

Agradeço às demais professoras Carmen Capra e Mariane Rotter por me ensinar e fazer com que a docência em Artes Visuais seja levada a sério também como as outras matérias nas escolas.

Vocês Professores da área de Artes Visuais da UERGS, obrigada por todo o apoio e por tornarem possível esse momento de pesquisa e transbordamento pelo qual este trabalho significou para mim.

Não poderia esquecer de agradecer aos meus colegas, pois tivemos muitos momentos juntos. Edison Franco, Gabriel Kniest, Átila Alexius, Lennon Guerrero,

Rita Stalivieri, Mariah Pinheiro, Victória Batista, Jennifer Haag, Everton Bitencourt, Rosemari Fiuza, Luyza Tomazzoli, Nicole Maria, Susana Toledo, Raphael Varjak, Susana Krein, Ezequiel souza, Anderson Greinert, obrigada a todos por todos os momentos que passamos juntos.

RESUMO

Estetrabalho de conclusão de curso é resultado de uma pesquisa que tem como objetivo coletar e compartilhar desabafo de pessoas voluntárias, através de diferentes estratégias: urnas deixadas em espaços públicos, um perfil na rede social Instagram, que várias pessoas de diferentes estados seguem, e folhetos e adesivos distribuídos em várias cidades (Canoas, Esteio, General Câmara, Montenegro, Novo Hamburgo e Porto Alegre). Esses compartilhamentos de desabafo servem como tema e material para a criação de uma proposição artística que pretende **abordar** o compartilhamento de intimidades entre pessoas, bem como busca criar uma identificação entre espectador e os diversos desabafo com os quais estará em contato. Desse modo, são realizados através de uma proposição artística, com **bordados** feitos à mão e transparência com tules, pois muitos dos desabafo têm uma história por trás. Assim compartilhando as intimidades e criando uma identidade entre o espectador e o desabafo fazendo esse jogo de troca e de identificação com o escrito, deixando-o mais leve e transparente. Com isso **transbordando** sentimentos, e deixando ali numa escrita **bordada** um pedaço de si sem que ninguém saiba quem foi.

Palavras-chave: TransborBordar. Desabafo. Compartilhamento. Troca. Intimidade.

ABSTRACT

This course conclusion work is the result of a research that aimed to collect and to share the volunteers' outbursts through different strategies: urns in public places, a profile on the social network Instagram, brochures and stickers distributed in several cities (Canoas, Esteio, General Câmara, Montenegro, Novo Hamburgo and Porto Alegre). These sharing of outbursts serve as a theme and material for the creation of an artistic proposition that aims to address the sharing of intimacies between people, as well as creating identification between viewers and the various outbursts with which they will be in contact. In this way, they are made through an artistic proposition, with handmade embroidery and transparency with tulle, as many of the outbursts have a story behind them. Such outbursts aim to share the intimacies, creating an identity between the viewer and the outburst, making this game of exchange and identification with the writing, making it lighter and more transparent, overflowing feelings and leaving a piece of self in an embroidered writing without anyone knowing who did it.

Keywords: Overflowing. Outburst. Sharing. Shift. Intimacy

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Elida Tessler, <i>Você me dá sua palavra?</i> (Exposição na UFPEL)2011	21
Figura 2 - Elida Tessler, <i>Você me dá sua palavra?</i> (Exposição na Fundação Iberê Camargo), 2013	21
Figura 3 - Elida Tessler, <i>Você me dá sua palavra?</i> (Exposição na Fundação Iberê Camargo), 2013	22
Figura 4 - Elida Tessler, Instagram do projeto <i>Você me dá sua palavra?</i>	23
Figura 5 - Adesivo 1	24
Figura 6 - Adesivo 2	25
Figura 7 - Adesivo 4	25
Figura 8 - Instagram	26
Figura 9 – Douglas Huebler, <i>Variable piece 4: Secrets</i> , 1973	27
Figura 10 – Douglas Huebler, <i>Variable piece 4: Secrets</i> , 1973	28
Figura 11 – Candy Chang, <i>Confessions</i> , 2016	29
Figura 12 – Candy Chang, <i>Confessions</i> , 2016	30
Figura 13 – Candy Chang, <i>Confessions</i> , 2016	30
Figura 14 – Desabafo bordado	33
Figura 15 – Desabafo bordado	33
Figura 16 – Desabafo bordado	34
Figura 17 – Desabafo bordado	34
Figura 18 – Desabafo bordado	35
Figura 19 – Desabafo bordado	35
Figura 20 – Panfleto	38
Figura 21 – Adesivo em vidro	39
Figura 22 – Porta espelho	40
Figura 23 – Posta espelho.....	40
Figura 24 – Bordado.....	41
Figura 25 – Bordado.....	4Erro! Indicador não definido.

Figura 26 – Bordado.....	42
Figura 27 – Desabafo bordado.....	44
Figura 28 – Desabafo bordado.....	45
Figura 29 – Desabafo bordado.....	45
Figura 30 – Desabafo bordado.....	46
Figura 31 – Desabafo bordado.....	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	114
1. ABRIR-SE PARA TRANSBORDAR.....	136
2. O LUGAR DE TROCA	139
2.1. O LUGAR DE TROCA E INTIMIDADE COMPARTILHADA.....	32
3. DOS PROCESSOS ÀS TRANSIÇÕES	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS: MEU FECHAMENTO É SÓ MAIS UM DESABAFO...47	
REFERÊNCIAS.....	49

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem como intuito **abordar** e compartilhar uma proposta artística a partir de desabafos coletados, desnudando sentimentos, queixas e pressões da vida em geral para fim de um trabalho artístico com experiências que se aproximam do outro. A construção da pesquisa iniciou quando criei uma conta na rede social Instagram e no uso do aplicativo Whatsapp para coletar os desabafos, pois acredito que grande parte das pessoas andam com seus celulares em mãos. A coleta voluntária, inicialmente, se deu a partir de um convite simples, através de adesivos colados em paradas de ônibus e painéis de avisos espalhados pelas cidades de meu convívio.

Tal troca de compartilhamentos objetiva buscar uma aproximação com a intimidade e pensamentos das pessoas, o que me faz pensar em como fazer com que tenham vontade de desabafar e, a partir disso, trazer suas falas para a produção artística, não pedindo que as pessoas desabafem imediatamente. O desejo é que elas falem em qualquer momento que queiram e sem nenhuma pressão de outra pessoa por ter que desabafar naquele momento.

Assim, utilizo dos desabafos para falar sobre essa identificação com o outro para convidá-lo a ver que todos passam por coisas comuns, e que a partir dessas trocas podemos encontrar alguma maneira de nos tornar pessoas mais compreensivas e trocar palavras e demonstrações de afeto que pode ajudar uns aos outros. O objetivo não é expor as pessoas que participam, mas mostrar que nós todos temos frustrações, medos e segredos mais íntimos guardados e ao compartilhá-los podemos nos conectar (mesmo que anonimamente) a um outro desconhecido.

A partir de então, comecei a pensar em como transformar algo pessoal e íntimo em um projeto artístico. Primeiramente, pensei em experimentos com espelhos para que o espectador, ao ler os desabafos, pudesse se colocar no lugar de identificação com outro. Depois, em **bordados** com superfícies transparentes, dando a ideia de ligação e transparência dos desabafos de modo que o espectador se conectasse e se identificasse intimamente com os relatos descritos e sobrepostos. Para essa transparência, passei a utilizar o tule branco, que surge como uma forma de deixar mais leve e o **bordado** mais em evidência, mesclando-se

ao ambiente expositivo.

O primeiro capítulo, que chamo de *Abrir-se para Transbordar* tem como foco principal apresentar as tentativas de uma forma simples, fazer com que as pessoas sintam-se à vontade e queiram deixar seus relatos, pessoas de diferentes contextos. Pretendo construir experiências para que o espectador possa pensar em relações entre arte, vida e sentimentos atrelados à intimidade, no ponto que, ao ler o desabafo, possa se identificar de alguma forma com o que está descrito. Além disso, é descrito, também nesse capítulo, como vêm sendo executados os processos de convidar as pessoas a deixarem seus relatos e as trocas feitas, o que resulta na escrita do trabalho de conclusão de curso.

No segundo capítulo deste trabalho, intitulado *O Lugar de Troca*, procuro criar uma proximidade com alguns artistas, como Candy Chang, Douglas Huebler, Elida Tessler, entre outros, que contribuem para a construção da investigação. São artistas que também trabalham com propostas que envolvem a participação de outras pessoas, muitas vezes, em trocas de sentimentos, assim dialogando com minha pesquisa.

No terceiro capítulo, a *Intimidade Compartilhada*, é mostrado como o processo artístico acontece durante o período de produção da pesquisa poética. Ainda procuro mostrar o motivo de experimentar diversas propostas de produção artística e materiais no decorrer do trabalho de conclusão de curso, sendo esses espelhos, papel plástico, vidros, chaves e tecido transparente, em que cada um se relaciona com o contexto proposto, até chegar a uma ideia final, o bordado. Além disso, é descrito de que forma venho trabalhando os **bordados** artísticos como proposta final.

Durante este processo, parto de algumas perguntas: Como fazer uma proposição artística estabelecer um lugar de intimidade, entre arte e vida, que vai ao encontro de outro e suas singularidades? Ao colecionar, escutar e exteriorizar os desabafos sob forma artística, poderia criar ligações entre diferentes públicos? Quais seriam os suportes mais adequados para fazer "transbordar" esses desabafos? Seria possível um **bordado** falar?

O compartilhamento de desabafos propõe a prática de identificar algo em comum, e que possa mostrar que todos nós temos muitas ideias, posicionamentos, maneiras de agir e tantas outras coisas em comum com outras pessoas. Assim,

pretendo criar uma troca de pensamentos que estão trancados na intimidade das pessoas.

Segundo o dicionário a palavra íntimo pode ter significados diferentes, como sentimentos, atos e pensamentos. A proposta do íntimo deste trabalho se dá aos nossos desejos, reações, opções e conceitos, que normalmente não são compartilhados, por isso da palavras intimidade. Entende-se também que não está errado falar sobre, e sim, muitas vezes é uma boa opção quando nos sentimos à vontade para isso.

Essa troca, assim, passa pela ideia de **transbordamento**. Pretendo que estes **bordados** em tule **transbordem** sentimentos e gerem uma espécie de alívio, fazendo com que os desabaços sejam liberados e agarrados a um objeto que está presente em outra superfície, que não dentro do relatante. **Transbordar** para fora, para que de certa forma esse relato não a perturbe mais, mas que estará ali **transbordado** em um tule para que alguém que se identifique com o desabaço, possa igualmente lê-lo e encontrar ali naquele **bordado** já feito, um semelhante de desabafar, de deixar seus desabaços escritos e costurados.

Deste modo, crio aproximação entre o **bordador** e aquele que desabafa fazendo esse jogo de troca e de identificação com o escrito e deixando-o mais leve e transparente. Com isso **transbordando** sentimentos e deixando ali, em uma escrita **bordada**, um pedaço de si.

Dessa forma, pretendo trabalhar a narrativa que trata de acontecimentos pessoais, que transmite como complexidade da vida, uma maneira de expressar intensidades e outros estados de sentimento. O desabaço nem sempre é falado oralmente, ele pode ser **bordado** e apresentado em silêncio e ter mais sentido do que a própria pessoa desabafar em voz alta.

Para mim, a intensidade de um trabalho de arte estar também atrelada às trocas cotidianas com outras pessoas. O que me instiga como futura professora e artista é, em alguns momentos, poder escutar sem falar, ouvir sem criticar, entender sem julgar. É o que se busca para um trabalho humano. Ouvir o outro sem precisar ter a obrigação de dar uma solução, apenas um abraço dizendo que está ali para o que for necessário.

Por meio da palavra **bordar** e derivados das mesmas, escolhi destacá-las

usando negrito nelas para enfatizar ao longo da proposta artística o quanto a palavra destacada é importante, pois **bordar** é um ato de criar, um alto relevo da linha sobre o tecido.

Tem uma poesia que encontrei nas pesquisas do meu trabalho, que fala exatamente o que eu quero passar para o espectador com o trabalho artístico. Fala sobre o entrelaçamento entre os materiais utilizados, as pessoas que compartilharam seus desabafos, do lugar fixado esses relatos que se transformam em registros de histórias **transbordadas** e dos encontros entre os **bordados** e o espectador.

Bordado é Encontro.

Da linha com o tecido, da agulha com o dedo.

Do pensamento com as mãos, do texto com o têxtil. Bordado é encontro de gente, de memórias, de vida. E a gente alinhava as linhas.

Alinhava uma ideia, um sentimento noutra.

Com o Bordado a gente viaja sem sair do lugar e quando vê o tecido já não é só pano.

As cores não estão só nas linhas e uma ideia já virou bordado. Com o bordado em mãos nos inscrevemos no mundo!

Marissol Melo

A pesquisa *Trans**Bordar** desabafos: uma proposta artística a partir da intimidade compartilhada*, portanto, tem como intuito uma produção poética a partir das trocas de compartilhamento e da identificação produzida a partir dos desabafos que são coletados de diversos participantes e **transbordados** em diversas formas poéticas.

1. ABRIR-SE PARA TRANSBORDAR

Neste primeiro capítulo, meu foco principal é apresentar minhas primeiras intenções com a investigação e a tentativa, de fazer com que as pessoas se sintam à vontade e queiram deixar seus relatos; pessoas de diferentes contextos. Pretendo construir experiências para que o espectador possa pensar nas relações entre arte, vida e sentimentos atrelados à intimidade, ao passo em que, ao ler o desabafo, possamos nos identificar com o que está descrito. Além disso, é descrito, também, como vêm sendo executados os processos de convidar as pessoas a deixarem seus relatos e as trocas feitas.

Em meio a tantos problemas, percebemos que a arte não está apenas em um desenho, em uma escultura ou outra obra de arte conhecida e conceituada dentro de uma galeria de arte. A arte pode estar além do que nós vemos e ouvimos, mas também no que sentimos. Como, encontrar, transformar um sentimento em Arte? Como mostrar para outras pessoas o que sentimos sem precisarmos nos identificar e sem falar? É nesse ponto que pretendo construir uma narrativa de sentimentos que **transbordem** inúmeras sensações e emoções sem precisar dizer uma palavra. Conseguimos nos fazer entender em apenas uma foto, vídeo, um **bordado** feito à mão e até mesmo um **bordado** dentro de um vídeo sem ao menos um som de fundo.

Passamos por muitos momentos ao longo dos anos, e percebemos que quando escrevemos o que estamos sentindo, independente da emoção, sendo ela feliz ou triste, transpondo para o papel, em forma de poemas, versos, músicas, entre tantos outros meios de escrita, acabamos por nos libertar desses sentimentos. Nesse caso, porém, ao invés de um papel e uma caneta ou lápis, ou até um computador, procuro trabalhar com um tecido como suporte, uma agulha como ferramenta, construindo um meio de escrever com linhas, como tinta/cor das letras.

A partir da experiência de observar como lido com sentimentos, interesse-me por buscar saber como as outras pessoas poderiam estar se sentindo. Sabemos que desabafar e falar o que pensamos é algo complicado, pois em inúmeros casos as pessoas são massacradas, odiadas e até mesmo excluídas de certos grupos por terem uma opinião diferente das demais. Também há casos em que a pessoa dá a sua opinião e as outras, por medo de serem rejeitadas, não se expõem, mas

pensam como eles e ficam satisfeitas por ter gente que tem coragem de falar. Dessa forma, tais pessoas sentem-se mais leves/aliviadas de algo que estava guardado, por exemplo.

Acredito que tais desabafos, que podem ser sentimentos, segredos, inquietações e queixas, guardados por um longo ou breve tempo, precisam ser abertos para que o peso de cada coisa contada e compartilhada provoque, mesmo que momentaneamente, um alívio ao ser liberada, e aquelas já expostas podem servir para estimular para outras pessoas desabafar.¹

Creio que muitas pessoas guardam desabafos para si, aqueles segredos mais íntimos, ou até mesmo algo que estava causando incômodo. Muitas pessoas não deixam que os outros saibam o que aconteceu ou está acontecendo, ou até mesmo aquele momento difícil que está passando. Então, penso que essas coisas não faladas acabam acumulando dentro de si um nó amarrado e dolorido, que, por muitas vezes, criamos uma acumulação diária dentro de nós sem perceber.

Antes mesmo de entrar na graduação, nunca imaginei que passaria por coisas diferentes no decorrer dos quatro anos. Simplesmente percebi que o amadurecimento pode não só gerar coisas boas, mas também traz um acúmulo de pensamentos, desejos, metas e sentimentos. Quando me dei conta, percebi que amadurecer é passar por coisas ruins e saber lidar com elas. É passar por coisas boas e também saber lidar com elas.

Fim de semestre, último ano para formatura, alguns destes acúmulos, não só de matérias, mas também da vida cotidiana em si, pressões familiares e até mesmo perdas recentes fizeram com que surgissem pensamentos aleatórios de exaustão que foram tomando conta de mim, dando a sensação de que estava cercada por uma nuvem cinzenta onde jamais pensava estar.

Foi então que me dei conta que eu precisava me ajudar, mas também ajudar alguém, desabafando e jogando para fora todo o tipo de carga emocional que vem de dentro. Comecei um trabalho de pesquisa pensando em uma forma de tentar ajudar as pessoas a se libertarem dessas incomodações diárias, esses acúmulos de pensamentos que nos inquietam constantemente.

Resolvi escolher ser ouvinte por acreditar que esta seria uma forma de ajudar

¹ Talvez você, leitora e leitor, queira deixar seu relato também, e para isso deixarei mais adiante alguns meios que criei para enviarem seus desabafos.

as pessoas que desejam relatar tudo que as incomoda, ou até mesmo seus segredos íntimos. Não só escutar, mas também me colocar no lugar daquele que desabafa, o que acredito não ser nada fácil. Para isso, é preciso ouvir.

Daí que me coloco como alguém que tenta aprender a arte da “escutatória”, proposta por Rubens Alves:

É chegado o momento, não temos mais o que esperar. Ouçamos o humano que habita em cada um de nós e clama pela nossa humanidade, pela nossa solidariedade, que teima em nos falar e nos fazer ver o outro que dá sentido e é a razão do nosso existir, sem o qual não somos e jamais seremos humanos na expressão da palavra. (ALVES, 1999, p.65).

Entendendo que quem escuta traça elos com os relatos, e por vezes passa a entender a intensidade daqueles sentimentos narrados e que muitos desses desabafos dão acesso a diferentes histórias, mas que ainda assim dialogam com inúmeros outros. Dessa maneira, criam-se identificações entre indivíduos diferentes, tornando-os mais próximos uns dos outros.

Considerando o cotidiano corrido das pessoas, que acaba por produzir e/ou ocultar os sentimentos que perpassam a cada dia e, compreendendo a necessidade dos desabafos por também fazer parte desse cotidiano que as vezes sufoca, percebi que seria significativo desenvolver este trabalho a partir dos desabafos.

Para mim, o significado de desabafar, fica naquilo que nos faz humanos. Todas as pessoas precisam falar sobre o que está lhes incomodando, nem que seja por meios solitários de escrita, de desenhos, músicas ou qualquer outra forma em que a arte pode se inserir e permitir reflexão sobre a vida e as formas de convívio, ainda que, aparentemente, nada pareça realmente mudar.

Abrir-se para trans**bordar** tudo que o cotidiano amassa e soca dentro de nós, como se estivesse nos empurrando à força algo que muitas vezes não estamos preparados para engolir. Nos sufocamos por achar que somos obrigados a ser como a sociedade quer, mas acredito que não estejamos aqui para agradar ninguém além de nós mesmo. Assim, transbordo, nesta pesquisa artística, toda a minha vontade de não pretender mudar o outro, mas que ele entenda que muitas vezes a única opinião através da arte, mas de poder pensar através da arte sobre nossas condições físicas e mentais, sobre as condições em que abafamos nossos próprios sentimentos e sobre quais outras maneiras poderíamos agir diferente.

2. O LUGAR DE TROCA

O lugar de troca: não há, especificamente, um lugar, trata-se mais de um ponto de partida. Foi pensado no lugar de troca que me coloquei no lugar de escuta, em que somente eu saberia quem eram os relatantes, mas que muitos conhecerão os desabafos. Era um lugar de troca não somente por dar uma palavra amiga e por me colocar no lugar de quem está relatando, prestar um apoio por meio da escuta, ainda que sem falar nada, mas também por realizar a série de **bordados** em tule (conforme abordarei mais adiante no texto) como uma forma de abraçar aqueles que desabafam.

Pensando neste lugar de troca que é essencialmente um lugar de escuta, aproximo-me do texto “Ensaio de lugares de escuta: diálogos entre a psicologia e o conceito de lugar de fala”. Conforme colocam as autoras Gorjon, Mezzari e Pampana (2019, p.2) o conceito de escuta terapêutica “toma contornos distintos em cada teoria na psicologia, são conceitos complexos e marcados por todo um arcabouço teórico de uma determinada teoria” que mesmo não sendo exatamente meu foco, a partir da experiência da escuta posso encontrar “uma prática transformadora na relação com o outro” (idem, p.2) para pensarmos nas falas de diferentes indivíduos, com diferentes experiências e histórias pessoais. Desta forma, como as autoras, pretendo “pensar na potência de uma escuta fora do âmbito terapêutico, pensar a escuta enquanto instrumento de alteridade” (idem, p.3).

Alteridade significa que todos estamos em relação uns com os outros mesmo sendo diferentes, e a arte pode ser uma forma de interagirmos com outras pessoas num sentido diferente da psicologia terapêutica, por exemplo. As autoras escrevem:

Como podemos escutar e nos transformar? Como podemos nos abrir para outro, deixar nossa subjetividade ser transformada em um processo de abertura para a alteridade? Primeiro, é necessário definir o que entendemos por alteridade. Suely Rolnik (1992) afirma que a princípio entendemos que o “outro” é tudo aquilo externo a nós, humano e não humano. Neste plano, nossa percepção, ao estabelecermos uma relação com o outro, entende este como separado e independente de nós. Contudo, nem tudo se reduz ao visível e a subjetividade não é só o “eu” (Rolnik, 1992, p. 5)². (...) Sendo assim, podemos afirmar que é “impossível pensar a subjetividade sem o outro” (Rolnik, 1992, p.4). Essa é a dimensão da alteridade a qual evocamos

² O texto citado pelas autoras é Rolnik, Suely (1992). *À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia*. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/homemetica.pdf>.

neste texto. Uma dessas aberturas para a alteridade seria a dimensão da escuta, mas uma escuta que seja convergente a esse estado que nos desestabiliza em nossos modos de viver e pensar. Tal abertura para alteridade é também uma abertura da subjetividade. Para que essa abertura exista é necessário reconhecermos que não somos “uma individualidade igual a si mesma – em suma, uma identidade na qual reconhecemo-nos – mas que para além dessa individualidade somos também um permanente processo de subjetivação” (Rolnik, 1992, p.5). Para a autora (1992) além de mudar essa concepção de individualidade, precisamos mudar o nosso próprio pensamento. (GORJON; MEZZARI; PAMPANA, 2019, p.7-8).

Penso, assim, que a escuta e a troca, bem como pensamento sobre a alteridade é importante de ser discutido também em um trabalho de arte, que pode alcançar diferentes pessoas e discursos. Este trabalho artístico tem como um dos focos principais a escuta que venho fazendo no decorrer da pesquisa, com as coletas feitas, para me colocar nesse lugar de escuta e tentar, de algum jeito, me colocar no lugar do outro. Assim, de alguma maneira, ocorre uma ligação entre eu e a pessoa que desabafa. Assim, é uma das ideias do trabalho fazer com que a pessoa possa abrir sua própria porta através de seu desabafo e, com isso, que ela se sinta mais tranquila e leve ao compartilhar esse desabafo com alguém desconhecido que não a irá julgá-la. Esse outro alguém apenas irá ouvir “(...) o que o outro diz sem logo dar um palpite melhor, sem misturar o que ele diz com aquilo que a gente tem a dizer” (ALVES, 1999, p. 65).

Uma importante referência para minha investigação é a artista Elida Tessler, com sua obra *Você me dá sua palavra?*, que teve início em 2004 e está até hoje ativa. A proposta da artista é de que pessoas de diferentes regiões escrevam uma palavra em sua língua materna, na superfície de um prendedor de roupa de madeira. Assim, os prendedores são fixados aleatoriamente em um varal, como uma linha do tempo sem fim.

Figura 1 - Elida Tessler, *Você me dá sua palavra?* (Exposição na UFPEL)2011.



Fonte: <http://www.artistasgauchos.com/portal/?nid=4310>

Figura 2 - Elida Tessler, *Você me dá sua palavra?* (Exposição na Fundação Iberê Camargo), 2013.



Fonte: <http://iberecamargo.org.br/exposicao/elida-tessler-gramatica-intuitiva/>

Figura 3 - Elida Tessler, *Você me dá sua palavra?* (Exposição na Fundação Iberê Camargo), 2013.



Fonte: <http://iberecamargo.org.br/exposicao/elida-tessler-gramatica-intuitiva/>

Para melhor expor seu trabalho e para que mais pessoas possam mandar suas palavras para a artista, ela criou uma página no Instagram *Você me dá sua palavra?*, onde posta as fotos que as pessoas vão lhe enviando para que seu trabalho possa ser continuado infinitamente, sendo assim um “*word in process*” (palavra em processo) como coloca a artista (TESSLER,2012).

Figura 4 - Elida Tessler, Instagram do projeto *Você me dá sua palavra?*



Fonte: Instagram, @vocemedasuapalavra (2020).

Tessler nos apresenta as motivações de seu trabalho e posso encontrar aproximações com o meu próprio:

Esta proposição aposta no fluxo da linguagem, onde um gesto simples torna-se ato de criação. Tudo acontece a partir de uma decisão: Elegor um objeto do cotidiano e acreditar em sua comunicação imediata. Um prendedor de roupas de madeira torna-se, assim, o elo de uma corrente que une distintos universos. Sua nomenclatura tão simples e significativa também participa de forma decisiva da determinação de que este objeto torna-se o suporte da palavra do outro, escrita de seu próprio punho. Mas quem é o outro? Meu interlocutor antes anônimo, sempre aleatório, é agora

reconhecido pelo vocábulo manuscrito em sua língua materna, destinada a perder-se em um mar de outras palavras. (TESSLER, 2012, p.200).

A simplicidade do prendedor de roupas como suporte para as palavras dadas me faz recorrer ao meu processo de **bordar** tules e apresentar estes tecidos em varais, como falarei mais adiante. Um suporte que vem do cotidiano, conforme apontado por Elida Tessler, para receber e apresentar as falas de outras pessoas.

Ainda em relação ao trabalho de Tessler, percebo que as redes sociais como o Instagram podem ser formas de se alcançar outras pessoas em uma perspectiva artística e pessoal. Nos tempos de hoje, a maioria das pessoas tem um celular e muitas delas utilizam redes sociais para postar diariamente fotos e mensagens, seus estados de ânimo. Hoje em dia, a internet está muito integrada ao nosso cotidiano. Sem nos darmos conta, acabamos fazendo com que as redes sociais sejam nossos diários, álbuns de fotos e recordações. Constatando isso, optei por utilizar esses meios para coletar os desabaços e por acreditar que as mídias sociais se tratam de veículos bastante utilizados pelas pessoas e de fácil acesso no dia a dia.

A coleta desses desabaços foi feita por alguns meios que percebi, ao longo do semestre, que poderiam dar certo. Começando por adesivos em que neles estaria escrito uma mensagem convidando as pessoas a desabaçarem acompanhada de dois meios de conversa para facilitar o diálogo.

Figura 5 - Adesivo 1



Fonte: Autora (2019)

Figura 6 - Adesivo 2.



Fonte: Autora (2019)

Figura 7 - Adesivo 3.



Fonte: Autora (2019)

Por meio desses adesivos espalhados por várias cidades da região metropolitana de Porto Alegre - RS, disponibilizei duas redes sociais: o Instagram (@somaisum_desabafo), que foi onde tudo começou, colocando nele algumas informações básicas; um Whatsapp, que é um meio mais rápido de mandar e receber mensagens.

Figura 8 - Instragram.



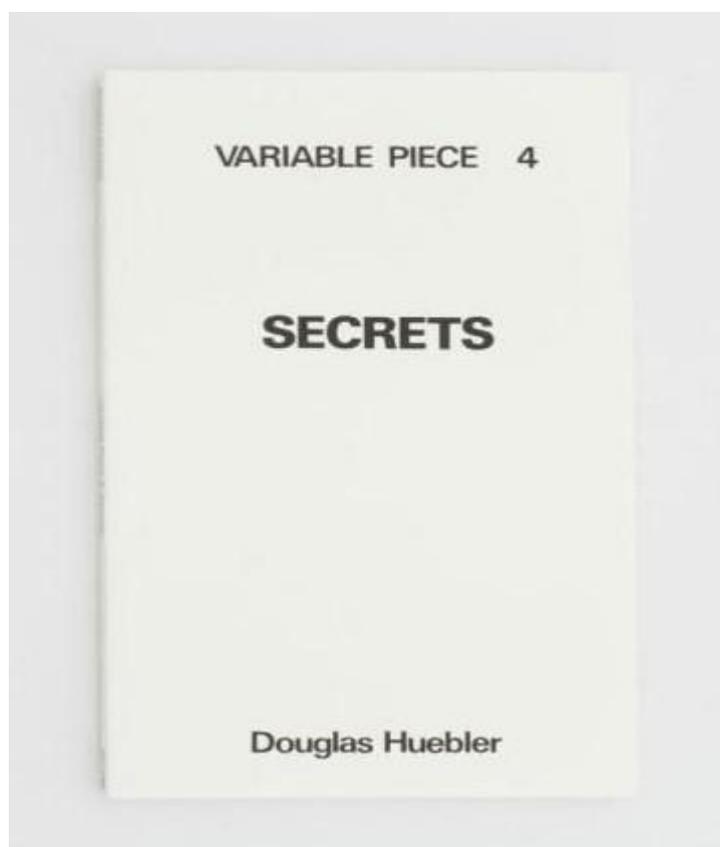
Fonte: Autora (2019)

Entendo que os instrumentos de tecnologia virtual, do tipo redes sociais e aplicativos, servem para chamar as pessoas para desabafo e considerando que, além do celular, elas estão rodeadas de imagens pelas ruas, casa, emprego, entre

tantos outros lugares, confeccionei adesivos para que eu já pudesse divulgar as redes sociais, chamando pessoas de diferentes convívios. Além disso, assim, foi possível estabelecer um contato de entrega de ambos os sujeitos para participar desse ato, daquele que se concede ao compartilhar suas intimidades com o outro. As pessoas, ao se abrirem, esperam que os desabafos possam ser liberados e compartilhados com o outro de modo mais franco possível. Os dizeres escritos no diário interno de cada um referem-se ao que as pessoas estão sentindo naquele momento, ou até mesmo pensamentos de tempos atrás.

Percebi, então, que não só por meio das redes sociais as pessoas desabafavam, e me coloquei no lugar de quem não gostaria de ser identificado de nenhuma maneira. Pensei em algo escrito sem assinatura, e me deparei com a obra “*Variable Piece 4. Secrets, 1973*” de Douglas Huebler, que propõe ao espectador entrar na galeria, fazer uma troca com o artista, deixando um segredo dele e, em troca, recebendo outro. Todos esses segredos se encontram sem autoria e foram registrados no livro *Secrets (Segredos)*, de 1973.

Figura 9 - Douglas Huebler, *Variable piece 4: Secrets*, 1973.



Fonte: <https://www.printedmatter.org/catalog/46597>

Figura 10 - Douglas Huebler, Variable piece 4: Secrets, 1973.



Fonte: <https://www.printedmatter.org/catalog/46597>

A partir dessa obra, dei-me conta que poderia fazer algo que chamasse a atenção das pessoas a deixarem seus desabafos na urna sem saber quem seria a leitora deles. Pensei em lugares estratégicos para que as pessoas escrevessem e depositassem dentro de uma urna, como bares, parques e locais com bastante circulação de pessoas.

Deste modo, as pessoas poderiam escolher a melhor maneira de relatar suas intimidades mais pessoais. Essas ações permitiram que esses desabafos fossem de diversos tipos e que a pessoa não tivesse medo de ser julgada, tampouco sentisse vergonha. O que também entrou como referência foi o projeto *Confessions* (Confissões), de 2012, da artista Candy Chang, que convidou pessoas a compartilhar, de forma anônima, seus segredos mais íntimos. Chang propôs que os convidados entrassem em pequenas cabines individuais e escrevessem qualquer segredo que ninguém soubesse, mas que quisessem colocar para fora, expurgar.

Figura 11 - Candy Chang, Confessions, 2016.



Fonte: <http://candychang.com/work/confessions/>

Relatando mais sobre o projeto da autora, essas confissões são escritas em um suporte de madeira de 10 x 15cm e depositadas em urnas dentro das cabines, onde as placas recolhidas são postas na parede da galeria. Esse projeto reuniu mais de 1500 confissões só em Las Vegas. O mesmo projeto foi feito em outros países, como Grécia, em 2016, e na Inglaterra, em 2017.

Figura 12 - Candy Chang, Confessions, 2016.



Fonte: <http://candychang.com/work/confessions/>

Figura 13 - Candy Chang, Confessions, 2016.



Fonte: <http://candychang.com/work/confessions/>

Todos esses meios em que os artistas se propuseram a receber palavras de outras pessoas são de certa forma, utilizados como confesionários, uma forma de confissão que é tão íntima que não costuma ser exposta para qualquer pessoa, daí a minha preocupação com o sigilo. A ideia geralmente é de não ter nenhuma proximidade e não saber quem é a pessoa ouvinte do outro lado ou a pessoa que recebe os desabafos. Assim, acredito que o relatante se sente mais seguro.

Na minha visão, tenho certeza de que esses desabafos inspiram os espectadores que os leem, e de alguma maneira ajudam outros que irão escrever, além de fazer com que as pessoas se identifiquem com os segredos de outros estranhos, gerando uma forma de aceitação.

Entendo que essa troca de intimidades e desabafos é fundamental para que tenhamos mais compreensão entre as pessoas, pois essa troca não é só um produto em que trocamos por trocar, mas sim uma “transação” de sentimentos e afetos. Retomo aqui o trabalho de Elida Tessler:

Neste caso, uma pergunta gera outra pergunta. Na maioria das vezes em que proponho “Você me dá a sua palavra?”, nos mais variados idiomas, surge imediatamente a seguinte questão: “Pode ser qualquer palavra?”, o que já considero uma acrobacia da proposição por tratar-se de um lance do pensamento rumo a uma possibilidade extremamente ampla. Qualquer palavra! Reforço o pedido repetindo o que é essencial: a sua palavra. Como se este apontamento fosse o suficiente para sublinhar o caráter íntimo de minha solicitação, o chamamento por aquilo que vem de dentro, e que pode gerar um discurso próprio: A sua palavra, aquela que pode identificar o sujeito, fazendo-o reconhecer em si um atributo ou um ideal. Da proa da palavra avista-se um horizonte. Qualquer palavra, quando escrita em um prendedor de roupas torna-se subitamente uma palavra especial. (TESSLER, 2012, p. 202).

O que importa aqui é a palavra do outro e seu discurso próprio. Neste sentido, penso que os desabafos são também palavras que se tornam especiais, tal qual coloca Tessler, no momento em que os transbordam sob forma escrita e gravada nos **bordados**.

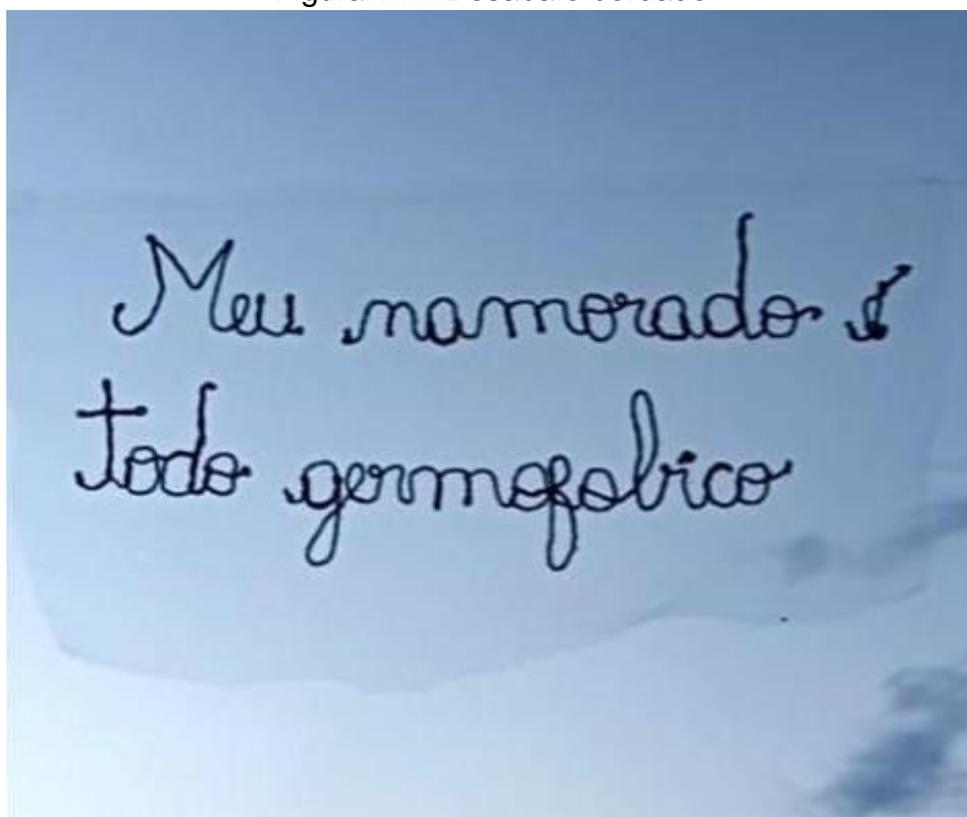
2.1. O LUGAR DE TROCA E INTIMIDADE COMPARTILHADA

Compartilhar vem da palavra *partilhar*, que significa dividir em partes, compartilhar, *partilhar sentimentos de outrem*, dividir, repartir. Nada começou por acaso, porém penso que tudo teve sentido. O motivo dos desabafos, de compartilhar, o porquê de outras pessoas desabafarem. Tais questionamentos começaram no início do sétimo semestre, ou até mesmo um pouco antes, mas foi por acúmulos de coisas minhas que cheguei a esse tema. No ápice desses sentimentos trancados em mim, resolvi desabafar e percebi o quão importante e satisfatório é desabafar com alguém ou em algum lugar.

Percebi ali que eu precisava fazer algo pelos outros e para outros. Foi então que surgiu o projeto de trabalho de conclusão de curso. Dentro dos meus próprios conflitos, consegui pensar em **transbordar** toda a essência que havia em mim por meio de um trabalho que busca fazer com que outras pessoas desabafem. A ideia era poder compartilhar os desabafos para que todos se sentissem livres dessas pressões cotidianas. Desse modo, resolvi trabalhar com materiais com os quais tenho afinidade e que acredito que proporcionam um meio de interação dos desabafos com o espectador.

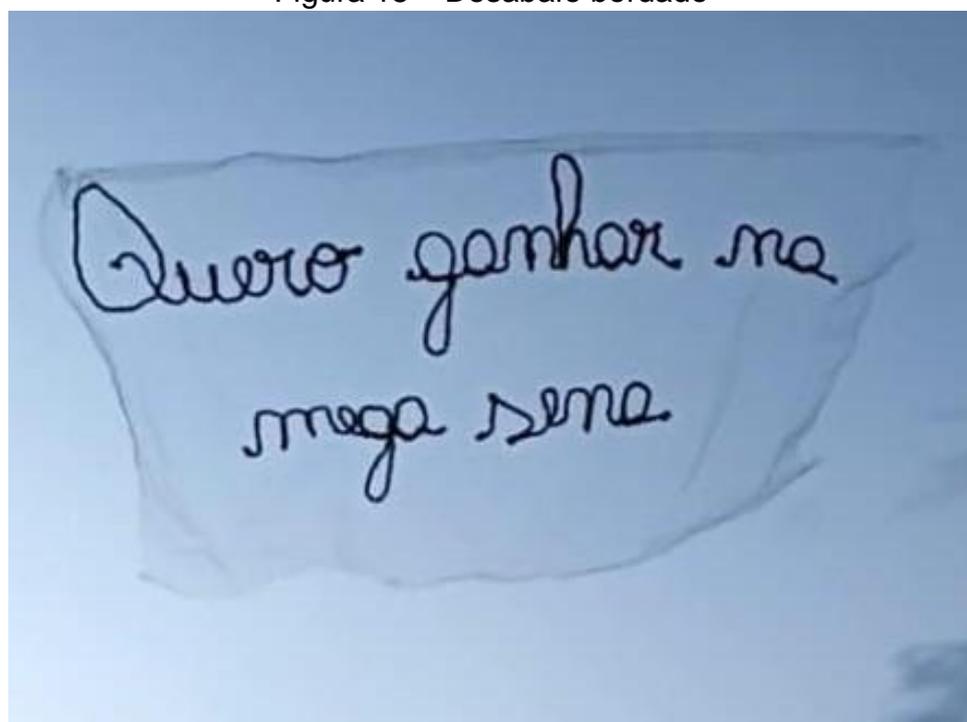
Os desabafos compartilhados são todos **bordados** à mão, que por sua vez é algo que demanda tempo e dedicação. Quando pronto, percebi que a beleza estava na leveza e delicadeza que as palavras passaram a adquirir.

Figura 14 – Desabafo bordado



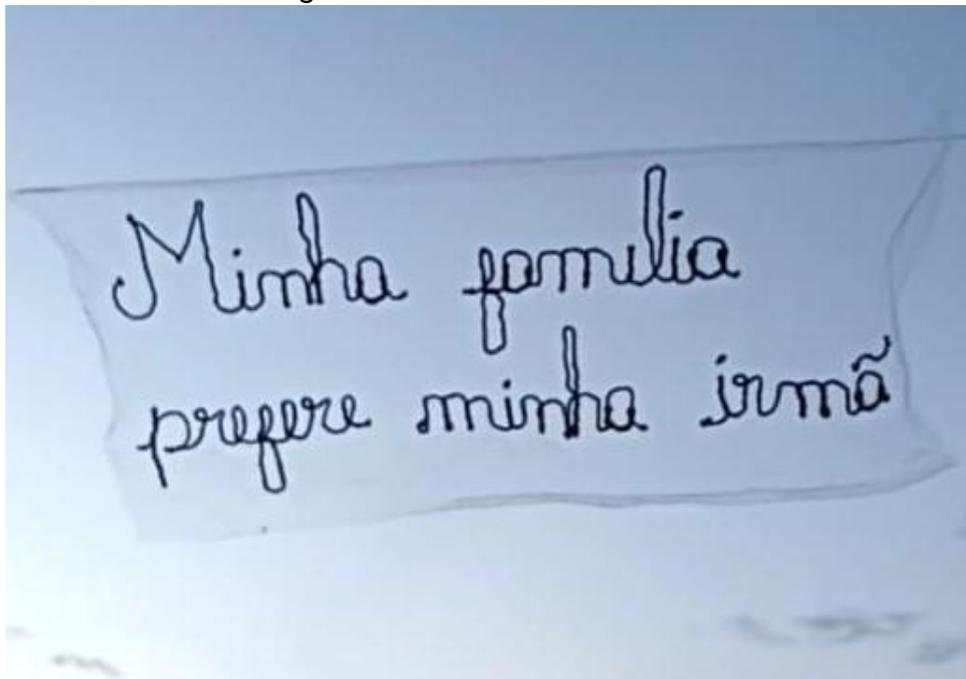
Fonte: Autora (2020)

Figura 15 – Desabafo bordado



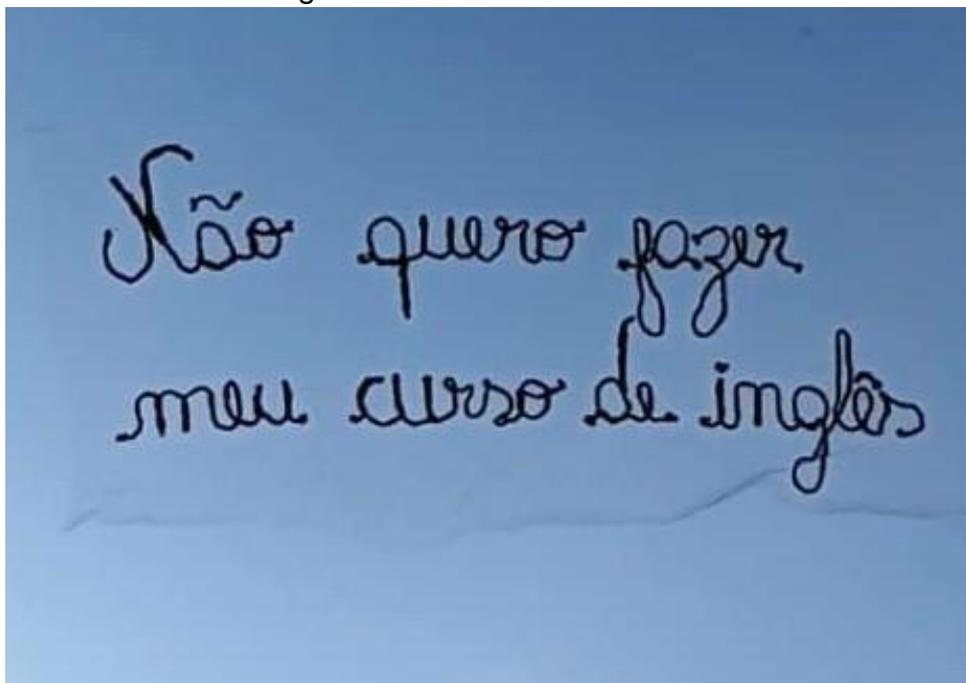
Fonte: Autora (2020)

Figura 16 – Desabafo bordado



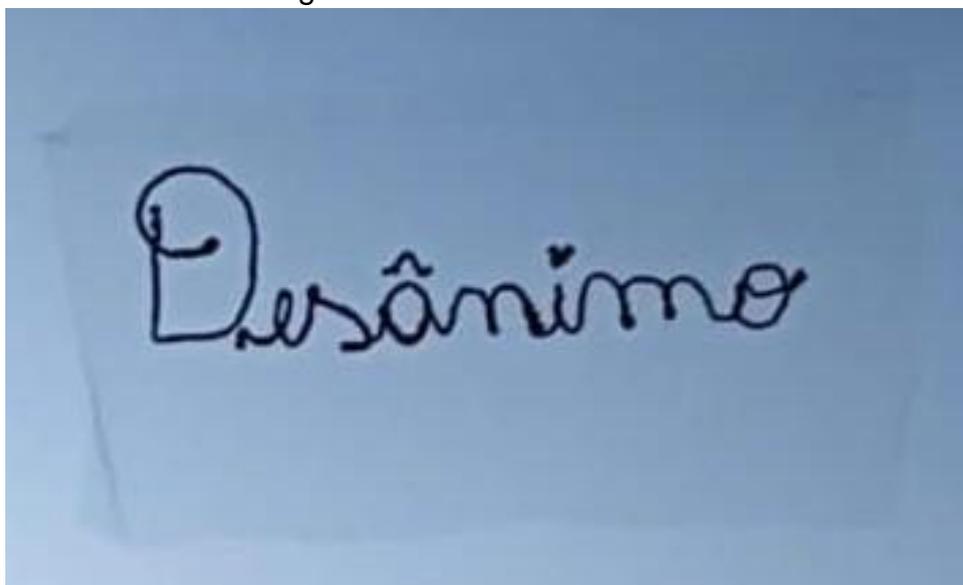
Fonte: Autora (2020)

Figura 17 – Desabafo bordado



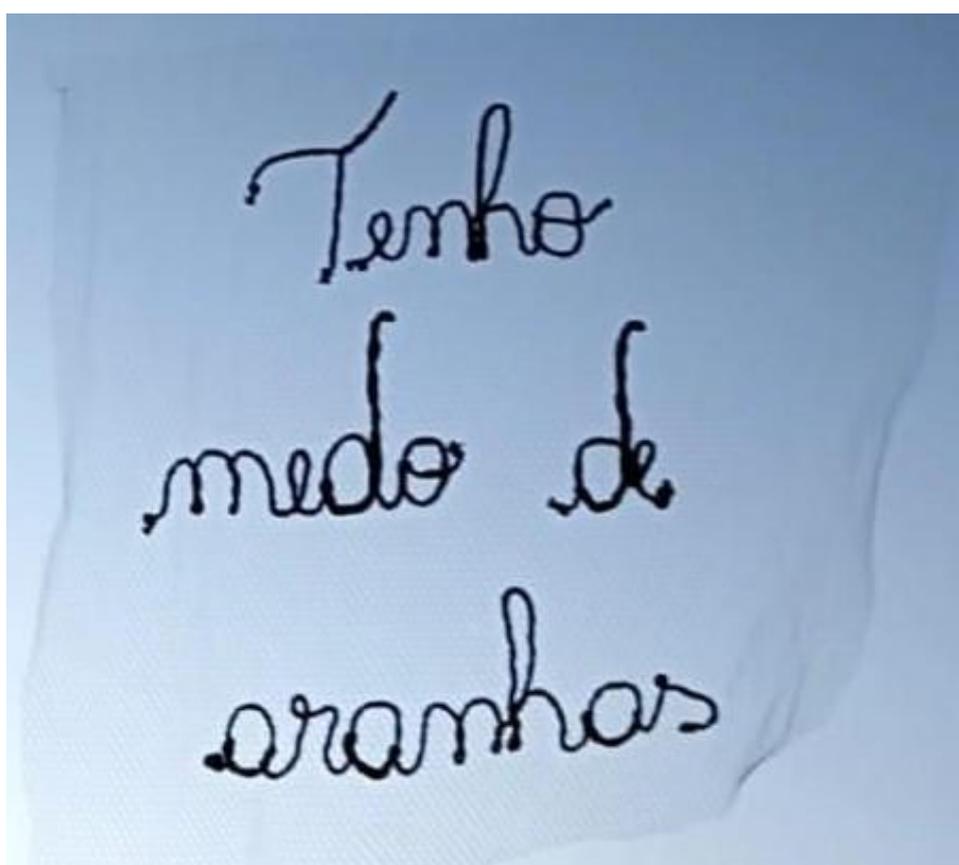
Fonte: Autora (2020)

Figura 18 – Desabafo bordado



Fonte: Autora (2020)

Figura 19 – Desabafo bordado



Fonte: Autora (2020)

Como mencionei anteriormente, acredito que as pessoas sentem, hoje em dia, mais facilidade em compartilhar seus sentimentos e intimidades pela internet do

que presencialmente, pois ali não serão julgadas por ninguém. Com isso, muitas delas jogam, diariamente, em suas redes sociais, seus sentimentos e seus desabaços em geral.

Sabendo ouvir nós mesmos, nos aprimoramos e conseguimos entender que a vida não é apenas criticar, falar e dizer que também já passou por algo parecido do que o outro está dizendo. Precisamos estar ali de coração simplesmente para escutar.

No decorrer dos dias em que iam chegando os relatos, percebi que a grande maioria era de pessoas jovens, muitas vezes universitários e trabalhadores que tem suas vidas corridas e cobranças constantes. Há pessoas também de outras faixas etárias que não aguentam mais certas atitudes de outros ou estão inconformadas com o governo, entre outros motivos que os levam a precisar desabaçar.

Assim como no trabalho *Secrets de Huebler* e no *Confessions de Chang*, os desabaços podem ser bem humorados ou mais densamente íntimos. Há todo o tipo de desabaço, desde coisas simples do cotidiano até problemas sociais mais sérios. Este conjunto, parece-me muito rico e não pretendo selecionar desabaços específicos. Penso que é importante para meu trabalho escutar e receber todas as pessoas, independente do que eu penso sobre cada desabaço.

Como colocam as autoras Gorjon, Mezzari e Pampana:

Escutar passa a ser essa experiência de alteridade, na qual abrimo-nos para uma relação, para além de nossos contornos identitários, nos fazendo perceber que somos todas e todos parte dessa malha coletiva, nossas vidas estão sempre entrelaçadas. Como nos disse Paulo Freire, é preciso nos assumirmos enquanto seres sociais e históricos, para então compreendermos que "a assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a "outredade" do "não eu", ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu" (Freire, 2002, p. 23-24). (GORJON; MEZZARI; PAMPANA, 2019, p.8).

Ouvir o outro a partir de ter me ouvido a mim mesma. Os meios usados para coletar os desabaços já estavam em funcionamento pelas redes sociais, pelo aplicativo e pelas urnas, mas, como compartilhar esses relatos?

3. DOS PROCESSOS ÀS TRANSIÇÕES: O TULE E OS BORDADOS

Passei por muitos experimentos com espelhos, plásticos, painéis de vidro e panfletos, até chegar aos tecidos com **bordados**, não qualquer tecido, mas um que dá a ideia de transparência. Para isso, utilizo tule branco onde foram **bordadas** as frases recebidas. A escolha por esse material se deu em virtude de os escritos se destacarem na transparência e dos espaços que recebem os tecidos se envolverem no próprio material.

A ideia de usar tecido, linhas de **bordado** e agulha já vêm de um histórico anterior ao das artes visuais, com o meu convívio no dia a dia com costuras. Foi por meio desse convívio que percebi que precisava unir os desabafos com o que eu sabia fazer, por acreditar que através da união dos desabafos com minha experiência em **bordados** estaria transcrevendo os meus desabafos diários. Foi então que decidi pelo uso do tule branco que fica com aspecto transparente, pois de certa forma conseguiria transmitir o intuito de simbolizar a intimidade desses desabafos liberados de forma limpa e franca.

Para isso, pensei em várias formas que me fizessem trabalhar a proposição artística com o espectador, tanto para coletar o desabafo, quanto para proporcionar à pessoa que estivesse lendo o desabafo sentisse algumas sensações, como colocar-se no lugar de outra pessoa, saber respeitá-la mesmo não concordando com a opinião e, além disso, poder se identificar com o relato.

A primeira ideia foi compartilhar folhetos com os desabafos escritos e com as redes sociais inseridas, deixando-os em caixas de correios aleatórias e fazendo com que o espectador, que seria o dono da casa/apartamento, lesse-os sem nenhuma discriminação, decidindo o que fazer com o folheto. As redes sociais ali divulgadas são para que a pessoa poste uma foto do desabafo escrito ou deixe seus desabafos, para que se sentissem livres para assim fazê-los.

Figura 20 – Panfleto



Fonte: Autora (2020)

A outra proposta pensada foi feita com vidro e adesivos, e tinham o intuito de juntar todos os desabafo em um só lugar para que todos ficassem misturados aleatoriamente, com frases com a mesma fonte e mesmo tamanho e cor, em que o vidro pudesse mostrar a transparência dos desabafo, fazendo com que eles se sobressaíssem. Um exemplo que serviu de inspiração para essa ideia é a figura 16. Na vitrine de uma loja foram coladas frases de fontes diferentes escolhidas pela proprietária para chamar atenção para o Dia dos Namorados, dando a transparência necessária e mostrando seu produto de venda em destaque.

Figura 21 - Adesivo em vidro



Fonte: Google Imagens.

A próxima proposição feita foi da porta com espelho, em que dentro estavam os desabafos escritos. A ideia da porta era fazer com que o espectador pudesse abrir o objeto para libertar o desabafo que estivesse dentro, e fazer com que a pessoa se colocasse no lugar de quem está desabafando no momento em que se olha no espelho e se depara com o relato, fazendo essa troca de lugar com o outro.

Figura 22 - Porta espelho



Fonte: Autora (2019)

Figura 23 – Posta espelho



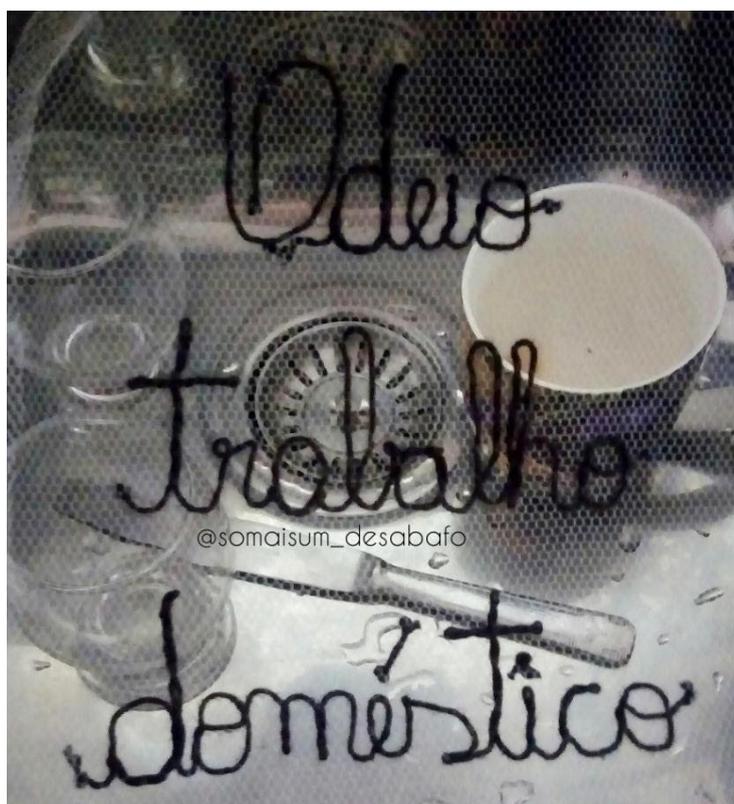
Fonte: Autora (2019)

A penúltima produção foi feita com folhas plásticas, para proporcionar a ideia de transparência dos desabafos para o espectador, pensando que elas penduradas

estariam livres, flutuando no espaço e dando a ideia de desabafo voando. Esses relatos escritos sobre o plástico pretendiam estar libertos no espaço expositivo. Entretanto, não me pareceu provocar um efeito de troca, tampouco de encontro com o mesmo.

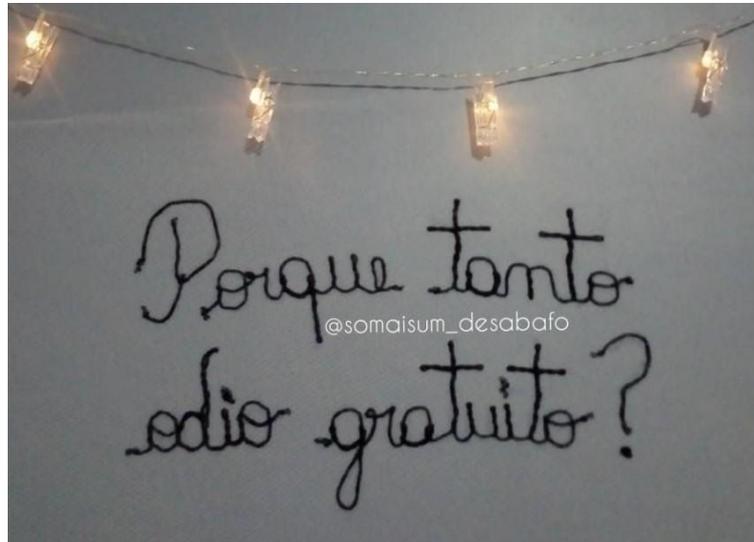
A escolha final, dentre todas citadas, foi o **bordado**, em decorrência de que a prática vem do meu passado e cotidiano, algo como raízes costuradas e crescendo constantemente. Essa é uma das principais ideias, receber desabafo e ir costurando-os crescentemente como se não houvesse fim. Os desabafo **bordados** parecem entrar no tecido em uma tentativa de se destacar e fazer sentido para todo o contexto, também destacando as formas da letra e da escrita. Acredito que, dessa forma, fazendo com que a obra se abra para inúmeras compreensões possíveis.

Figura 24 - Bordado



Fonte: Autora (2020)

Figura 25 - Bordado



Fonte: Autora (2020)

Figura 26 – Bordado



Fonte: Autora (2020)

Em um primeiro momento, as trocas de intimidades feitas foram entrelaçadas através de um desabafo. Posteriormente, foram escritas para o **bordado** que foi compartilhado com outras pessoas através de fotos postadas no Instagram e na exposição³ com os tules pendurados. Ainda, para a pré-banca, produzi uma apresentação da proposta sob a forma de um vídeo, tendo em vista que a apresentação seria a distância.

Me vi meio deslocada por não poder mais expor os **bordados** como queria, a covid-19 fez com eu trocasse minha proposta de apresentar eles na galeria. O vídeo que apresentei na pré-banca foi só uma forma de mostrar para minha orientadora e a banca como os bordados estavam ficando. Como a situação da pandemia ainda não estava controlada e provavelmente a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso seria online, fiz um vídeo para apresentar no dia da banca.

Este vídeo apresentado não havia som, só as imagens dos tules, o vídeo foi feito no campo do meu sítio, onde o espaço é grande. A filmagem foi feita com os **bordados** pendurados em uma linha transparente para dar a impressão de que os tules estariam soltos, o fundo da filmagem é o céu, assim deixando eles livres ao vento.

Penso que as formas que vão tomando meu trabalho se conectam com a transitoriedade das palavras desabafadas que vão se construindo ao longo do processo. Elida Tessler nos diz:

A soma das palavras nas unidades de prendedores de roupa não é uma questão de contabilidade. A forma de apresentação deste trabalho estaria provavelmente mais próxima de uma vontade de perceber o que há entre uma coisa e outra, após a disposição que justapõe objetos lado a lado. A cada apresentação, há algo cambiante (...).

Você me dá a sua palavra? Inscreve-se como um projeto que me coloca em permanente diálogo com o cotidiano vivido. Mesmo inscrevendo-se como uma espécie de acumulação de objetos, não se pode dizer que o discurso fica estagnado. Tudo é pulsante, como as palavras de um texto que ainda não está escrito. De alguma forma, desde a primeira palavra escrita, tudo está conectado. Todas as palavras mudam de sentido a cada vez que outra é acrescida (...). (TESSLER, 2012, p.205).

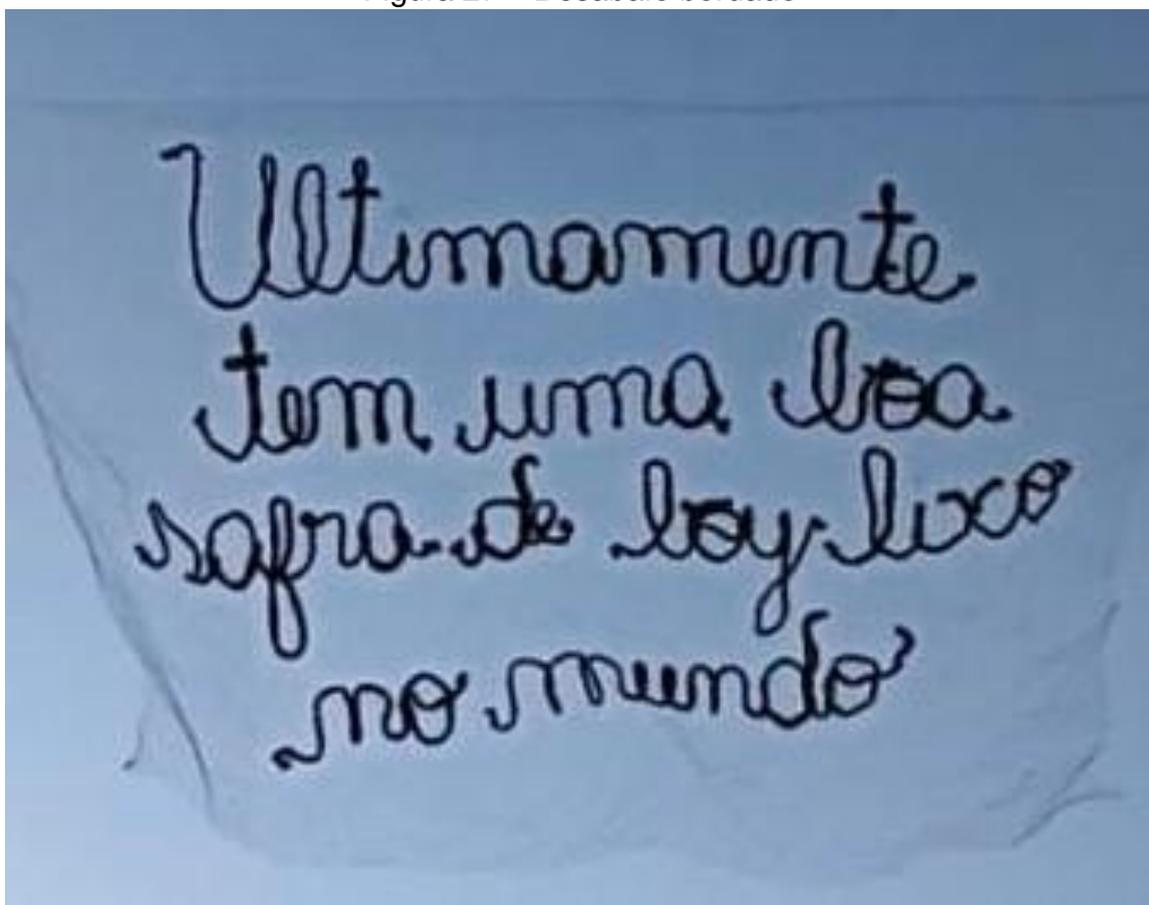
Esses **bordados** unem, primeiramente, a transparência da pessoa ao desabafar e a transparência do tecido, bem como a ligação que todos os desabafos **bordados** têm uns com os outros, dando sentido a uma só questão: o sentir-se

³ Devido ao período pandêmico da Covid-19 enfrentado entre os anos de 2020 e 2021, não se sabe se de fato nossa defesa de TCC será presencial ou remota. Desta forma, ainda estou elaborando estratégias para apresentar o trabalho artístico à banca.

confortável em desabafar. Todas as formas de recolhimento dos relatos que mencionei foram guardadas com o intuito de utilizar esses desabafos como meio para a produção artística, partindo desses compartilhamentos de experiências.

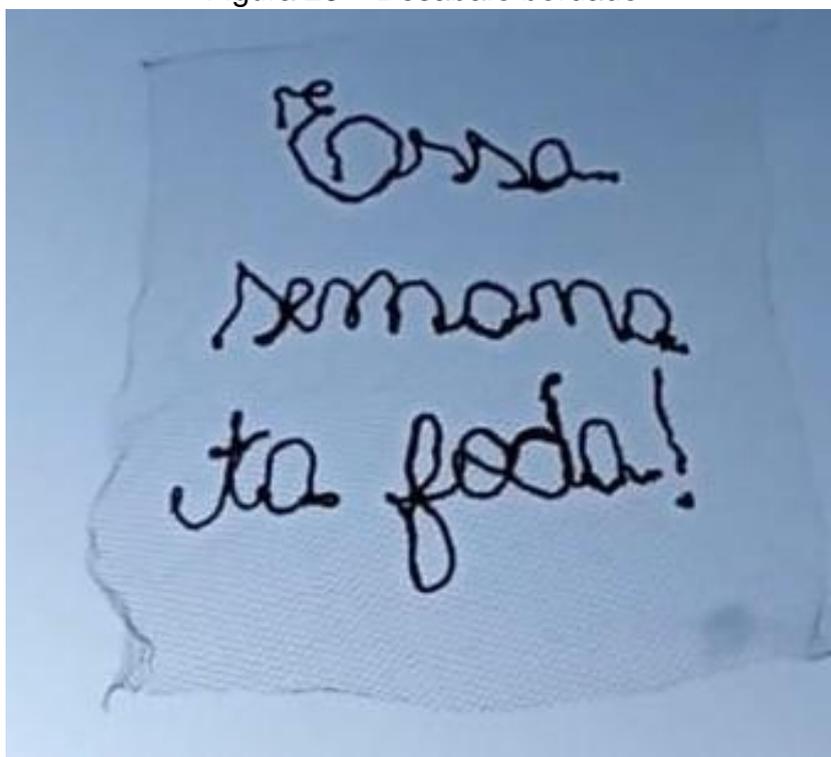
Esses **bordados** delicados em tules brancos com a escrita em linha preta para realçar têm, ali, a narrativa de cada participante dos relatos. Elas, por sua vez, tratam das versões da realidade e do cotidiano de cada um, podendo elas ser reais ou fictícias, sérias ou engraçadas, simples ou complexas, porém são todas palavras importantes de serem **bordadas** e conectadas umas às outras, e uma espécie de texto que flutua nas transparências e sobreposições.

Figura 27 – Desabafo bordado



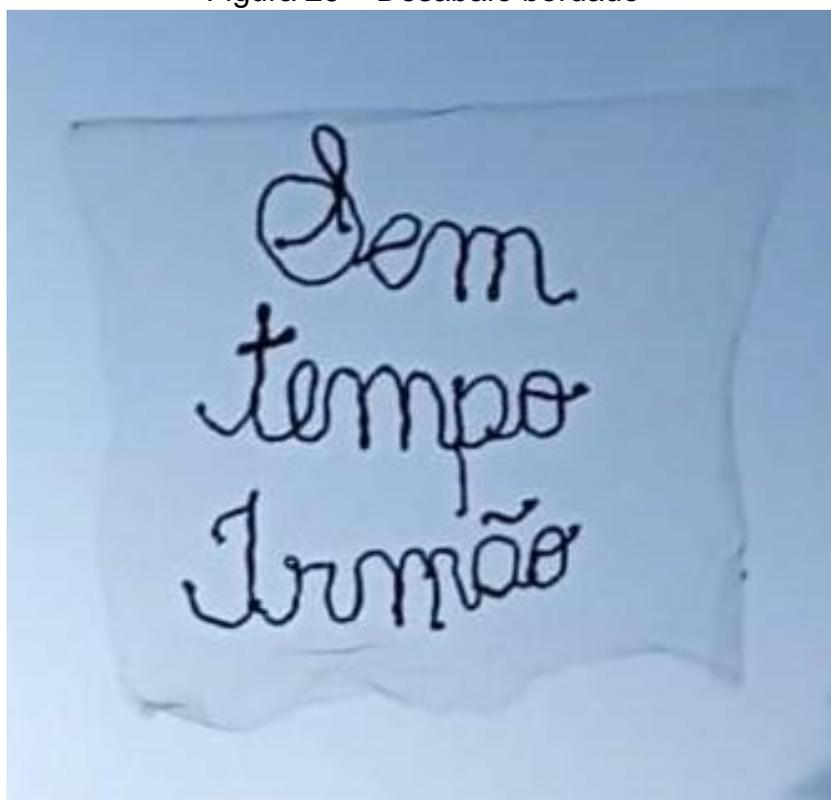
Fonte: Autora (2020)

Figura 28 – Desabafo bordado



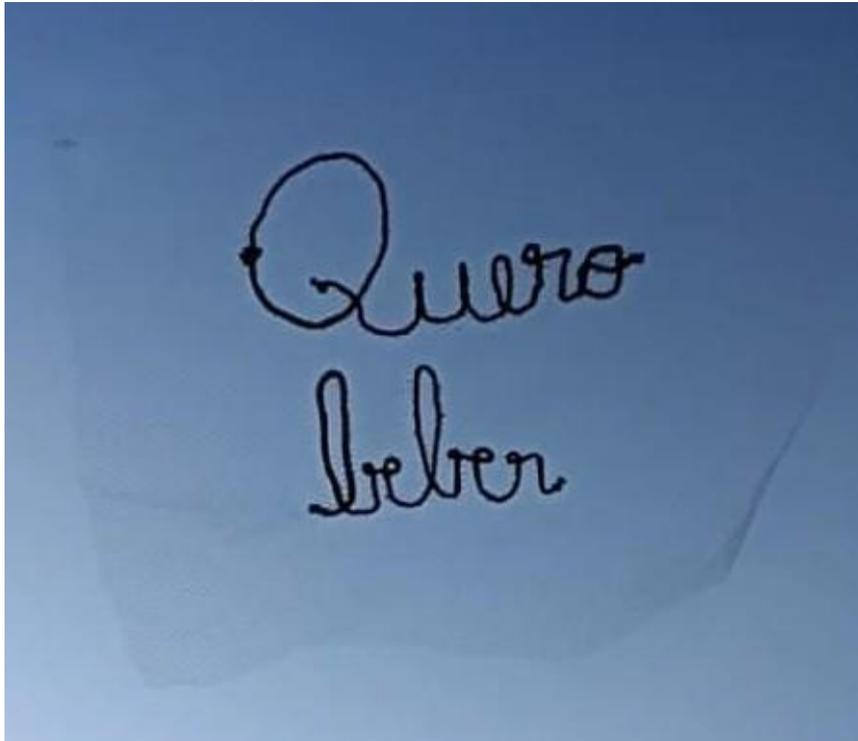
Fonte: Autora (2020)

Figura 29 – Desabafo bordado



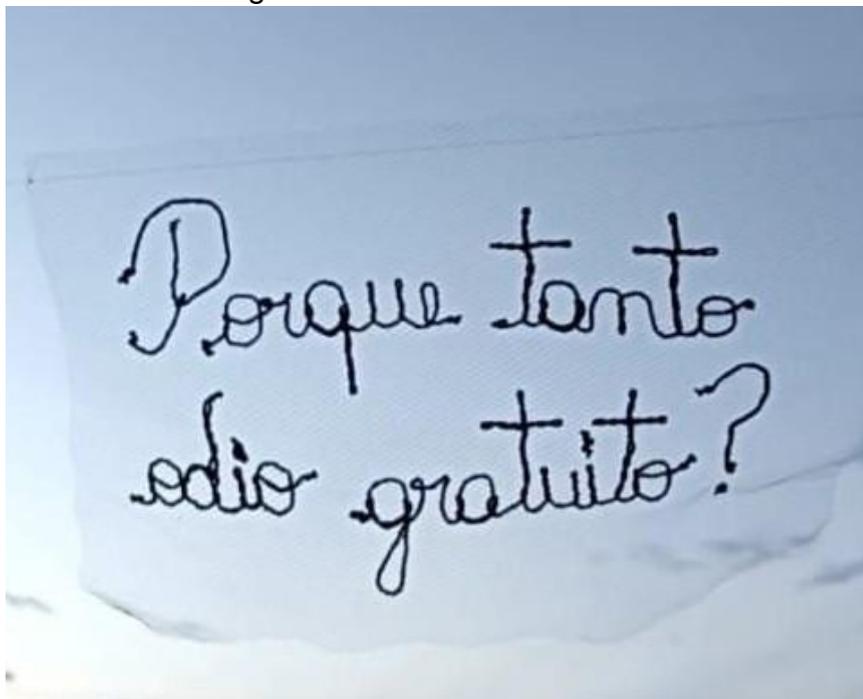
Fonte: Autora (2020)

Figura 30 – Desabafo bordado



Fonte: Autora (2020)

Figura 31 – Desabafo bordado



Fonte: Autora (2020)

CONSIDERAÇÕES FINAIS: MEU FECHAMENTO É SÓ MAIS UM DESABAFO

Quando fazemos o que está em nossa mente, mantendo sempre a calma e conseguindo passar as palavras que estão na cabeça para a escrita, tudo começa a fluir. Da mesma forma, o processo de **bordar** também se mostrou um fluxo contínuo, sem certezas de onde iria chegar. Trans**Bordar** significa derramar, extravasar e sair fora das bordas. Mas também um trans**bordar** que, ao longo desse caminho, é a transparência e o **bordado**; este conjunto de materiais e ações fez sentido aos desabafo expostos, fazendo com que esses sentimentos, verdades, histórias, intimidades, fantasias, ou até mesmo mentiras e invenções, pudessem trans**bordar** tudo para fora.

Quando mostramos transparência no nosso cotidiano, passamos a leveza de saber que não precisamos nos disfarçar para nos mostrar, que a simplicidade está prestes a trans**bordar** nossos sentimentos. O **bordado** pode nos remeter a ideia de que estamos sempre na linha de frente da nossa vida, linha essa que costuramos: amores, família, amigos, saudades e histórias, que ao longo da costura vão sendo alinhadas a cada **bordado**. Assim, amadurecemos ao trocar a cor da linha e nos limitamos com o tamanho da agulha. Semeamos, também, a vida em intervalos de tamanhos de cada tecido, mas sem parar de trans**bordar** a essência. Não importa quantas camadas de tecido temos, mas sim o quanto de amor foi **bordado** ali.

Tentamos crer que quando a maioria de nós chora, a dor ou a felicidade que estamos sentindo, esses sentimentos vão passando a cada escorrer da lágrima. Assim é com esse projeto artístico: **bordo** sentimentos em palavras de desabafo para que haja um pouco de leveza em nossos corpos. O que fica ali escrito pretende nos lembrar que coisas são passageiras e outras pessoas podem se sentir acolhidas nestes **bordados**.

Cada desabafo **bordado** se torna algo inspirador e forte a ponto de escutar e trocar experiências, apenas escutar e **bordar**, ações simples e ao mesmo tempo complexas e sutis, que para mim, têm muito valor. Pretende-se, então, dar continuidade à pesquisa⁴ com a ideia de compartilhar os **bordados**, de modo que cada relator **borde** seu desabafo e vá passando-o para outras pessoas, que vão

⁴ Esta ideia surgiu ao longo deste semestre, entretanto por conta da epidemia Covid-19 e por eu mesma ter sido contaminada, adiei sua realização.

desabafando em forma de **bordados**, aleatoriamente, até que estem cheguem de volta a mim.

Neste sentido, a experiência *Bordado Livre na Praça – projeto de extensão na Vila Esperança / Bairro Senai*, realizado em Montenegro, coordenado pela professora da Uergs Carmen Capra⁵, bem como outras experiências de **bordados** compartilhados que vêm ocorrendo pelo Brasil, deram-me vontade de continuar a pesquisa, compartilhando também a ação de **bordar**.

Termino minha escrita agradecendo aos que me ouviram, os que me ouvem e aos que me ouvirão em todos os momentos, principalmente os difíceis, pois sei o quão é importante ter pessoas que nos deixem falar, mesmo sem trocar uma palavra, só escutem o que temos a dizer em muitos momentos, e que no final de nossas falas nos abracem como se fossemos o mundo. E que ao longo dos anos possamos nos doar mais aos outros sem esperar nada em troca a não ser o carinho e o compartilhamento.

É mais que só um desabafo, é também uma prática de **bordar** o não visível e **transbordar** como em um grito, deixando registrado o que ali está entrelaçado com as linhas. Linhas essas que são sentimentos sendo **bordados** em um tecido que é tão frágil, leve e transparente.

É como se esses desabafos criassem vida quando **bordados** no tecido, **transbordando** sentimento aos olhos de quem os vê. Aqui a fala não é necessária para que cada desabafo se torne independente e livre, só é preciso um relato, um tecido, linhas e agulhas para que o ato de **bordar** dê sentido para pessoas ali dispostas a desabafar. Ele é a escrita e a oralidade juntas, alteridade e subjetividade entrelaçadas.

⁵ Mais informações sobre este projeto podem ser consultadas em: <<http://artesvisuaisuergsblog.wordpress.com/2019/09/30/bordado-livre-na-praca-extensao-na-vila-esp-eranca-bairro-senai-montenegro-rs/>>. Acesso em outubro de 2020.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubens. **O amor que acende a lua**. São Paulo: Editora Papyrus, 1999.

BROCKMEIER, Jens; HARRÉ, Rom. **Narrativa**: Problemas e Promessas de um Paradigma Alternativo. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/investiga%C3%A7%C3%A3o%20narrativa%20b&h.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2020.

CAPRA, Carmen. **Bordado na Praça**. Disponível em: <https://artesvisuaisuergsblog.wordpress.com/2019/09/30/bordado-livre-na-praca-extensao-na-vila-esperanca-bairro-senai-montenegro-rs/> Acesso em: 7 out. 2020.

CHANG, Candy. **Confessions**. Disponível em: <http://candychang.com/work/confessions/>. Acesso em março de 2020.

DICIONÁRIO BRASILEIRO GLOBO. (Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft, F. Marques Guimarães, orgs). São Paulo: Globo, 2001.

FRANCA, Cláudia. "Escuta e voz: sobre o ato de confissão no trabalho 'Escuto histórias de Amor' de Ana Teixeira". **Revista Estúdio**. 2014, vol.5, n.10, pp.141-148. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1647-61582014000200018&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 7 out. 2020.

GORJON, Melina Garcia; MEZZARI, Danielly Christina de Souza & Basoli, PAMPANA, Laura. "Ensaando lugares de escuta: diálogos entre a psicologia e o conceito de lugar de fala". **Revista Quaderns de Psicologia**. 2019, vol. 21, n. 1. Disponível em: <https://www.quadernsdepsicologia.cat/article/view/v21-n1-gorjon-mezzari-basoli> Acesso em 21 de dez. de 2020.

HUEBLER, Douglas. **Variable**. Piece 4: Secrets, 1973. Disponível em: <https://www.ubu.com/historical/huebler/index.html>. Acesso em: 7 out. 2019.

TESSLER, Elida. **Você me dá sua palavra?**. Disponível em: http://www.elidatessler.com/pag_nova_obras.htm. Acesso em: 8 out. 2019.

TESSLER, Elida. "Você me dá sua palavra? Do silêncio ao murmúrio utópico da artista." **Revista Organon**, v. 35, n. 68, p.199-2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/35859/23309>. Acesso em: 1 out. 2020.